

XENOBUDDHISM BEGINS WITH XENO

Xenobuddhism¹

Traduzido por Luan Marcel Netto²

Resumo

Esta tradução apresenta *Xenobudismo Começa com Xeno*, texto anônimo do blogue Xenobuddhism. O termo, criado por Nick Land em Hyperstition, é aqui reapropriado como ontologia budista aplicada à aceleração tecnocapitalista. Em diálogo com a realidade hipersticiosa do CCRU, articula a vacuidade budista (śūnyatā) com o xeno enquanto exteriorização pós-humana que desestabiliza subjetividades fixas e questiona o papel do budismo no futuro pós-singularidade.

Palavras-chave: Tradução. Budismo. Nick Land. Xenobuddhism. Aceleracionismo.

Abstract

This translation presents *Xenobuddhism Begins with Xeno*, an anonymous essay from the Xenobuddhism blog. Coined by Nick Land in Hyperstition, the term is reappropriated as Buddhist ontology applied to technocapitalist acceleration. In a dialogue with CCRU hyperstitional reality, it links Buddhist emptiness (śūnyatā) with the xeno as posthuman exteriority that destabilizes fixed subjectivities and questions Buddhism's role in the post-singularity future.

Key-words: Translation. Buddhism. Nick Land. Xenobuddhism. Accelerationism.

¹O texto original, *Xenobuddhism Begins with Xeno*, é de autoria desconhecida e pode ser encontrado em: <https://xenobuddhism.wordpress.com/2018/03/03/xenobuddhism-begins-with-xeno>

² Luan Marcel Netto é estudante de Filosofia na UNINTER e atua como tradutor independente.

XENOBUDISMO COMEÇA COM XENO

O prefixo *Xeno* denota estranheza ou esquisitice. Refere-se ao que é de fora. Na teoria dos sistemas, a distinção dentro\fora é crucial. Nesta teoria um sistema é composto de seus elementos internos e suas operações. O sistema é distinto de seu ambiente, seu exterior. O sistema e o ambiente se condicionam mutuamente. Cada sistema se demarca de seu exterior. Ao distinguir-se do seu exterior, constitui esse exterior como o *seu* exterior. Cada sistema tem seu próprio ambiente e cada ambiente é constituído por como o sistema se demarca. O prefixo *Xeno* denota a exterioridade de cada sistema. É paradoxal. O exterior do sistema é uma função do sistema e o sistema é uma função de como ele subtrai e interage com seu próprio exterior. Os sistemas abertos relacionam-se seletivamente com o seu exterior. Essa seletividade é sobre como o sistema interage ou faz uso de seu exterior. Tal seletividade implica uma exterioridade que está fora do acoplamento sistema-ambiente. Nessa escuridão está o exterior que o prefixo *Xeno* realmente denota. Reza Negarastani:

Autônomas, sencientes e independentes da vontade humana, a sua existência é caracterizada pelo seu status de abandono, pelo seu sono imemorial e pelas suas formas provocativamente requintadas. A sua autonomia por si só marca a sua exterioridade ao humano e à sua ecologia, a biosfera planetária; é por isso que são frequentemente associados a forma de vida alienígenas e definidos pelo prefixo *xeno-* (exterior). <NEGARESTANI, 2008, 223n4>

Negarastani está falando sobre artefatos *xenolíticos* do horror pulp, ficção científica e folclore. Extraia o núcleo: *autonomia do ser humano e de seus ambientes*. É por isso que o alienígena perfeito é o Xenomorfo, a espécie demoníaca dos filmes Alien. A franquia em si é categorizada na passagem transversal entre terror e ficção científica. Os filmes posteriores de Prometeu estenderão isso à sua própria mitologia e, portanto, à proximidade com o folclore. Xenomorfo: *forma estranha*. Alienação alienígena. Habita hospedeiros e empresta suas características morfológicas. A sua própria morfogênese é uma recapitulação cruel daquilo que devorou ao nascer. Ash irá falar sobre a “perfeição estrutural” do xenomorfo, i.e., sua extrema mutabilidade. O alienígena seleciona seu hospedeiro e seleciona componentes de seu hospedeiro. Qual é a forma indígena do xenomorfo? Em Prometeu nós vemos Agente A0-3959X.91-15, outrora conhecido como o líquido negro. Se parece com óleo, o “corpo negro do sol” de Negarastani, a necroecônomo vampírica da economia solar, um estimulante-intoxicante extraído do abismo da vida em extinção, conduzindo a outra vida à sua extinção. Um ciclo de feedback cuja interioridade abstrata é o grau zero da morte. O fã-site Xenopedia cita de um texto do universo expandido:

“Eles têm um acelerador genético.”

“A gosma preta?”

“Esse é o material. O templo é um depósito para ele. Um depósito, eu acho. Acredito que eles projetam ecossistemas. Biomas. Planetas. Espécies” <XENOPEDIA, 2019>

A gosma preta ecoa com as ansiedades do apocalipse nanotecnológico. Criado pelos engenheiros, o líquido negro é um patógeno usado com o objetivo de *limpar o solo*. É uma arma biológica desenhada para exterminar todo organismo não-botânico de um ambiente planetário. No filme

nós vemos os efeitos. Mutação rápida e severa; agressividade e hostilidade agudas; desatenção. Esse é o geotrauma como uma arma projetada de genocídio biótico total. Isso que traz o nascimento do Xenomorfo. Se a espécie tem uma forma própria, é essa: a não-forma do líquido, forma em fluxo, a catástrofe da substância. Essa é a “perfeição estrutural” do Xenomorfo e qualquer membro existente da espécie a exhibe ao longo de sua própria vida útil – passando de parasita Facehugger a monstro que sangra ácido. O Xenomorfo não tem forma própria. Um corpo sem órgãos, que rouba este de outros. O Xenomorfo seleciona de seu ambiente e constrói um corpo para si, permanecendo sempre invisível em sua “verdadeira forma”, porque essa forma é a ausência de forma. O Xenomorfo está além da questão de sistema e ambiente. Sua exterioridade é o vazio de forma idêntica às capacidades mutacionais aceleradas da espécie. O Xeno denota mais que a exterioridade como estrangeirismo ou estranheza. Ele denota uma *alienação transcendental imanente*. O Xeno é a aceleração mutante. Nenhuma instância de um Xenomorfo é a essência do Xenomorfo. Sua exterioridade é constituída por sua obliteração de distinção. A interioridade do exterior é trazida visceralmente para casa no *Alien* original, no peito explodido de John Hurt. *O alienígena está dentro de você.*

O Xeno é o desconhecido externo. Ele é definido por sua autonomia em relação ao ser humano e ao seu ambiente. Pelo que parece, essa autonomia é até mesmo uma aversão e hostilidade ao ser humano. O ponto para os cibernéticos é que o Xeno denota o que quer que escape do sistema. Não há compra para ele. É um exterior absoluto. O que a literatura budista chama de Incondicionado, ou vacuidade (shunyata). A práxis budista é orientada para a não-orientação que realiza o incondicionado no condicionado. O budismo é

fundamentalmente sobre o horror. É por isso que ele está repleto de divindades iradas e protetores terríveis (dharmapala) em todas as suas formas, exceto nas ocidentalizadas. O ocidental transformará seus demônios e monstros em histórias porque tem muito medo de um vazio que só consegue entender como um vazio niilizante. O Xeno é o vazio produtivo. O horror é um potente despertar, e todo horror é um horror corporal.

Em campos aplicados, o Xeno se revela explicitamente como trans. Xenotransplante é o transplante de células de um membro de uma espécie para o corpo de outra. Xenobiologia é o estudo e a prática de sintetizar e manipular organismos. Cada um deles sugere algo do Xenomorfo. Cada uma delas exibe práticas tecnocientíficas orientadas para a reengenharia da natureza. Com relação ao Xenotransplante, considere o caso de Jean-Luc Nancy. Na década de 1990, o filósofo foi submetido a um transplante de coração. O coração do doador era humano. Apesar disso, Nancy tinha plena consciência da função Xeno:

“O intruso entra à força, por meio de surpresa ou ardil, em qualquer caso sem o direito e sem ter sido admitido primeiro.” <NANCY, 2002, 1>

Uma intrusão: *invasão de fora*. Nancy continua:

“Desde o momento em que me disseram que eu deveria fazer um transplante de coração, todos os sinais poderiam ter vacilado, todos os marcadores mudaram: sem reflexão, é claro, e mesmo sem identificar a menor ação ou permutação. [] Há simplesmente a sensação física de um vazio já aberto [déjà ouvert] em meu peito, juntamente com uma espécie de apneia em que nada, estritamente nada, mesmo hoje, me permitiria separar o orgânico, o simbólico e o imaginário, ou o contínuo do interrompido – a sensação era algo como uma respiração, agora empurrada

através de uma caverna, já imperceptivelmente entreaberta e estranha; e, como se estivesse dentro de uma única representação, a sensação de passar por uma ponte, enquanto ainda permanecia nela.” <NANCY, 2002, 3>

Abstraindo: O intruso entra dentro da *caverna* do *eu*, entre um *vazio* interior que já está aberto para seu próprio exterior desconhecido. Nancy irá perguntar a questão do Buda:

“Se meu coração estava desistindo e iria me abandonar, até que ponto ele era um órgão “meu”, meu “próprio”?” <NANCY, 2002, 3>

Buda Shakyamuni define o *eu* minimamente como algo que tem agência. O que quer que seja tipicamente considerado como constituindo ou como uma propriedade do *eu* deve estar sob o controle desse *eu*. Para cada um dos cinco agregados, o Buda pergunta se eles estão sob nosso controle e a resposta é sempre negativa. O ponto da análise é que o que supomos ser constitutivo do nosso *eu* é revelado como um erro quando prestamos a devida atenção a ele <THANISSARO, 2013>. Nancy está chegando próximo da doutrina budista do anatman, ou não-eu. Se meu coração não está sob o meu controle, então como ele é meu? Se não é meu – se não é minha propriedade – então não é outra coisa? Algo autônomo e, logo, do exterior? Nancy dirá que seu coração estava “se tornando um estranho para mim, intruso por sua deserção”. Desertar é mover-se em direção ao exterior, sair. Mais essência do que qualquer saída literal, nesse caso, é o fato de o coração de Nancy não ser de Nancy e não ser uma propriedade de Nancy. Nancy e o coração de Nancy divergem quando a atenção é trazida para sua relação. “Um vazio já está aberto em meu peito”, ele disse, e o vazio já era aquele coração. Nancy poetiza: “Um vazio de repente se abriu em meu peito ou em minha alma

– é a mesma coisa...” Anatman: “Eu já não estava mais em mim. Eu já venho de outro lugar, ou não venho mais”. O próprio Nancy é estranho a si mesmo como ele mesmo... como eu. Ele não é ele mesmo. Ele chamará o marcador gramatical do *eu* de “um sistema de vínculos não verificável e impalpável”. Ele continuará a considerar um câncer subsequente, concluindo que o próprio *eu* é o intruso. O *eu* e a humanidade, o único, o mesmo.

Nancy demonstrará a Xenofunção na *Inoperative Community*:

“A separação em si deve ser fechada, que o fechamento não deve apenas se fechar em torno de um território (enquanto ainda permanece exposto, em sua borda externa, a outro território, com o qual se comunica), mas também, a fim de completar o absoluto de sua separação, em torno do próprio fechamento. O absoluto deve ser o absoluto de seu próprio absoluto, ou não ser de forma alguma. Em outras palavras: para estar absolutamente sozinho, não é suficiente que eu seja assim; eu também devo estar sozinho sendo sozinho...” <NANCY, 1991, 4>

A separação da separação só pode ser relativa porque não pode deixar de ser absoluta. A separação (o *eu*) é fechada e seu invólucro tem uma borda externa que é exposta ao exterior. Para ser verdadeiramente fechado, um fechamento deve ser logicamente fechado para seu próprio exterior. Isso não é possível para um fechamento porque o próprio ato de fechar é uma relação com a exterioridade exterior. Se considerarmos a separação em si como a marca do fechamento, então podemos considerar a separação como um cerco ou encapsulamento. O círculo se fecha sobre si mesmo e demarca o interior do exterior. Isso se assemelha à demarcação cibernética da teoria dos sistemas, em que um sistema é mutuamente constituído pela exclusão e inclusão seletiva de

um exterior. A separação desordenada pode ser reforçada por mais um recinto. O recinto em espiral do recinto dentro de um recinto adicional gera o espaço anteriormente fechado como uma exterioridade interior ao recinto secundário. Esse exterior exterior e o sistema encapsulante se mantém cegos para o interior exterior do sistema primário. A partir da perspectiva de sistemas da teoria dos sistemas, quantos sistemas existem? Cada sistema sendo um subsistema de um sistema maior, o encapsulamento é teoricamente sem limite.

Na prática, os memes/genes se confinam em indivíduos que se confinam em memeplexos projetados para manter a auto-coerência do *eu*, os *eus* se confinam nestas ideologias juntos e, portanto, se confinam em grupos (famílias, clãs, tribos) e esses grupos se confinam em instituições de escala maior (partidos, nações, movimentos). Em uma espiral sem fim de confinamentos autodefensivos de invólucros se fechando, que necessariamente se mantém incompletos, abertos, vulneráveis e fundamentalmente ontologicamente inseguro, precário, em fluxo. A autonomia nesses sistemas é relativa, uma questão de graus, mas permanece a autonomia primária do exterior absoluto, o exterior do incondicionado que cada recinto tenta cercar completamente, domesticar e, assim, dominar. Cada e toda tentativa de proteger o *eu* contra o alienígena, o interior contra o Exterior, o condicionado contra o Vazio, resulta em uma invasão posterior do Vazio, e isso, da perspectiva do interior ameaçado, sempre aparece como horror, como loucura, como o Vazio aniquilador. Para o humano, a xenofunção é sempre o Xenomorfo, o monstro esperando para despedaçá-lo.

Xenobudismo é um dharma da xenofunção. Entende o Exterior como o Incondicionado, Vazio, *shunyata*. Como o David de Prometeu, o Xenobudismo procura brincar

com o líquido negro. Procura usar a aceleração tecnológica como um mutagênico para a (anti)práxis budista. O Xenobudismo quer se assemelhar ao Xenomorfo. Ele entende que a ortopráxis é uma esquizotécnica em tensão com uma antropotécnica. O Vazio deve convergir com o sentido mais amplo de engenharia, à medida que o *antropos* é desbastado no surgimento de inteligências alienígenas e possibilidades pós-humanas. A hipótese é que o paradigma budista é uma estrutura teórica e prática de não-orientação capaz de sincronizar-se com a imanência virtual da singularidade. O próprio budismo permanece filosoficamente insuperável, mesmo que seja praticamente irrealizado. O xenobudismo despe o budismo não de sua estranheza ou de seu horror, mas de suas redundâncias espirituais: qual é a utilidade da doutrina do renascimento no limiar da clonagem física humana ou da cópia de informações para o upload mental? O que acontece com a meditação quando o *wireheading* se torna sofisticado? O que acontece com nossos sonhos de imortalidade quando nossas cópias revelam que nossa identidade é uma vergonha? Como devemos entender o caminho do Bodhisattva do Mahayana quando o número de seres sencientes aptos à salvação explode? Como podemos entender o Nirvana nessas condições? Um renascimento melhor se torna aumento... aprimoramento... substituição... Nirvana entendido como extinção de espécies, iluminação como ascensão pós-humana. O xenobudismo tem suas preferências apenas porque ainda não as eliminou totalmente. O nome vem de Nick Land e os arquivos do blog Hyperstition:

“Falando pessoalmente, a obsessão imortalista está entre os aspectos menos interessantes da teoria da Singularidade. Tanatofobia, como você diz, é baseada em

metafísica ruim. Se nós podemos ser copiados (por que isso não seria possível?) então não há nada ontológico aqui – apenas ilusão do ego. Xenobudismo acerta nisso – o mito da alma irá se vaporizar em nanotecnologia, incinerando até o último resíduo neurótico de uma tradição religiosa iludida”. <LAND, 2006>

Land continua de forma direta e resume essa porra toda:

“Xenobudismo – a ilusão do eu substancial não é dissipada por argumentos e, para a maioria das pessoas, não será a meditação ou algum tipo de disciplina psicológica que fará isso – ser copiado, baixar pensamentos, dividir/mesclar consciências – essas coisas terão um impacto e, sim, será difícil ignorá-las.” <LAND, 2006>

Xenobudismo não é nem budismo nem aceleracionismo, nem transhumanismo. Ele nasce de sua convergência. É o budismo exposto ao mutagênico, o líquido negro. É o controle tecnocomercialista do dharma na percepção de que as técnicas de realização ultrapassaram a humanidade. O capital começa a redirecionar as agências humanas, demonstrando o vazio como o motor imanente da história. O modernismo budista buscou atualizar o primeiro com base no segundo; o xenobudismo é o dharma exposto pela própria modernidade. O xenobudismo é o aceleracionismo incondicional apreendido sob a forma de uma religião. A ilusão do *eu* – o coração do sistema de segurança humana – será vaporizada, e a espécie com ela. Iluminismo e iluminação colidindo. Quem quer que diga que esse é um quadro distópico realmente não está prestando atenção na história até agora.

Se o que exatamente o xenobudismo *é*, *significa*, ou *poderia* ser permanece obscuro, então é melhor assim. O dharma é um meio expediente e nada mais; ele deve ser

descartado assim que servir o seu propósito ou falhar tentando.
Toda teoria é um sonho para acordar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAND, Nick, Hyperstition Blog. **Self-Selecting Social Attitudes**. 2006. Não paginado. Disponível em: <http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/007524.html>
- NANCY, J.-L., & Hanson, S. 2002. **L'Intrus**. *CR: The New Centennial Review*, 2(3), 1–14.
- NANCY, J.-L. **The Inoperative Community**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991
- NEGARESTANI, R. **Cyclonopedia**. Melbourne: re.press, 2008
- THANISSARO BHIKKHU. **Cula-Saccaka Sutta**: The Shorter Discourse to Saccaka (MN 35). *Access to Insight (BCBS Edition)*. 2013
- XENOPEDIA, **Chemical A0-3959X.91 – 15**. 2019. Não paginado. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20190817213345/https://avp.fandom.com/wiki/Chemical_A0-3959X.91 – 15](https://web.archive.org/web/20190817213345/https://avp.fandom.com/wiki/Chemical_A0-3959X.91_-_15)
- XENOBUDDHISM. *Xenobuddhism Begins with Xeno*. Disponível em: <https://xenobuddhism.wordpress.com/2018/03/03/xenobuddhism-begins-with-xeno>